

Discurso de despedida ministro Celso Amorim por ocasião da transmissão de cargo para Jaques Wagner

Brasília, 02 de janeiro de 2015

Excelentíssimos senhores ministros de Estado estrangeiros, que nos visitam, ministro das Relações Exteriores do Senegal, Mankur Ndiaye; ministro de Energia dos Emirados Árabes Unidos, Suhail Mohammed al-Mazrouei, senhores embaixadores, senhor Juiz da Corte Interamericana de Direitos Humanos, senhor ministro de Estado da Defesa, meu querido amigo Jaques Wagner; senhores deputados federais, parlamentares em geral, ministros de outras pastas que nos acompanham, ex-ministra também, que me aturou durante bastante tempo, Miriam Belchior, senhor Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra, Júlio Soares de Moura Neto, senhor Comandante do Exército, General de Exército Enzo Peri; senhor Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro do Ar, Juniti Saito; senhor Chefe de Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, general de Exército José Carlos De Nardi; senhor secretário-geral do Ministério da Defesa, Ari Matos Cardoso; senhora Presidenta do Superior Tribunal Militar, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha; senhores secretários do Ministério da Defesa; oficiais gerais da Marinha, Exército e Aeronáutica, integrantes diplomáticos, servidores civis do Ministério da Defesa, amigos vários, demais autoridades federais, estaduais e distritais, senhora Maria de Fátima Carneiro de Mendonça, esposa do ministro Jacques Wagner, também também minha amiga, posso dizer, senhoras e senhores:

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer à presidenta Dilma Rousseff pela confiança que depositou em mim no momento em que – parodiando talvez, com alguma deformação, Camões –, eu estava colhendo do sossego o doce fruto, e me convocou para uma tarefa importante, complexa e delicada, mas que fazia parte de uma longa transição democrática pela qual o Brasil estava vivendo – e de certa maneira ainda continua, porque a democratização é um processo permanente. Foi para mim uma honra muito especial, no momento em que, como eu já disse outras vezes, esperava que a minha biografia, oficial pelo menos, senão a minha vida, mas a minha biografia já estivesse encerrada.

Eu quero agradecer também aos comandantes das Forças Armadas que participaram comigo dessa jornada difícil. Uma jornada em que se pode dizer que a travessia é até mais importante do que o ponto de chegada. E nessa travessia eu tive sempre a compreensão, o diálogo, a franqueza, a lealdade dos comandantes militares. O Comandante da Marinha, meu velho amigo Júlio Soares de Moura Neto – comandante de bancos escolares, posso dizer, antes que ele entrasse para o Colégio Naval –, o comandante do Exército, Enzo Martins Peri, com quem tive inclusive o prazer de trocar livros sobre história e política que, pelo menos do meu ponto de vista, foram de grande benefício e que demonstra a abertura e a largueza intelectual do comandante Enzo. Quero também cumprimentar e agradecer Juniti Saito, cuja afabilidade é proverbial, e cuja paciência e pertinência é responsável, talvez, por uma das maiores conquistas que tivemos nesse período, que foi a decisão sobre os caças Gripen. Nessa jornada, nessa travessia, lembrei-me frequentemente de um outro poeta português, Fernando Pessoa, que dizia – mais conhecido pela citação do Chico Buarque, obviamente, “navegar é preciso,

viver não é preciso”. Eu acho que nós navegamos – e para usar aqui a metáfora sempre empregada nas transmissões de cargo na Marinha, fizemos uma boa singradura, e chegamos a um bom porto. Não quer dizer que tenhamos encerrado todos os problemas, mas creio que eles estão devidamente localizados e devidamente equacionados.

Quero muito especialmente, entre outros ministros, agradecer o ministro Elito, que combina a condição de ministro e de militar, a quem eu tive o prazer de conhecer, como tantos outros, em missão no Haiti. Eu aproveito também essa referência para fazer uma homenagem a todos os militares – homens e mulheres – que participaram da missão no Haiti, e todos aqueles que hoje também estão em outras missões, como aquela muito importante que temos no Líbano. Coisa que talvez poucos saibam, poucos fora daqui da nossa casa – porque ainda me considero parte dela, pelo menos até terminada essa cerimônia – que o Brasil comanda a Força Naval da UNIFIL, da Força das Nações Unidas no Líbano. Isso não é coisa pequena. O mediterrâneo oriental é, talvez, o teatro mais antigo das batalhas navais. E ter um almirante brasileiro e uma fragata brasileira comandando a força naval do Líbano é uma grande honra e uma honra que tem sido maior ainda pela repetição dos comandos e, portanto, da satisfação das Nações Unidas e dos libaneses com o nosso comando. E no Haiti, naturalmente, eu pude constatar, ao longo desses dez anos, o progresso feito, muitas vezes com decisões difíceis – o general Elito foi um dos que participou dela, estou mencionando ele porque está ao meu lado, principalmente, mas foi um dos mais importantes –, mas também o general Santos Cruz, que hoje comanda a maior e mais robusta operação de paz das Nações Unidas, na República Democrática do Congo. Quando eu digo a mais robusta é aquela que tem o direito de empregar a força para combater os insurgentes. E esse meu contato, que naturalmente começou na minha função anterior, me encheu de admiração pelos militares brasileiros, me encheu de orgulho pelo profissionalismo com que eles desempenham as suas funções. E esse orgulho e essa admiração só fez aumentar depois que vim a tratar com eles de maneira mais próxima.

Quero cumprimentar, naturalmente, o nosso chefe do EMCFA, general De Nardi, meu assessor militar mais próximo. O general De Nardi é hoje praticamente sinônimo de interoperabilidade. É a pessoa responsável pela boa coordenação de operações complexas, como foram as operações dos grandes eventos, a vinda do Papa, a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, mas também de outras operações que talvez não cheguem tão claramente ao público, como as Operações Ágata, realizadas na nossa fronteira.

É frequente ouvir a responsabilização do poder central pela criminalidade nas cidades. E o que está sendo feito na fronteira? Está sendo na fronteira são operações que às vezes envolvem simultaneamente trinta mil homens e mulheres, com várias dimensões. E essas operações são coordenadas pelo Estado-Maior das Forças Armadas e, naturalmente, executadas pelas várias forças. General De Nardi era também uma espécie de grilo falante meu que não hesitava em me dar notas, nem sempre as melhores, pelo meu desempenho. Eu agradeço essa franqueza.

Queria agradecer muito o secretário-geral – hoje a mais alta autoridade civil, fora o ministro, dentro do Ministério da Defesa, de nível hierárquico semelhante ao dos comandantes e ao chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, que é responsável não só pela parte civil do Ministério, que é muito grande, mas também pelo entrosamento entre essa parte civil e o

lado militar que tem a ver com essa parte civil. Por exemplo, orçamento. Não é o único caso, mas é o caso talvez mais importante e mais óbvio que todos percebem.

Eu vou me permitir fazer uma homenagem a um dos secretários e, na pessoa dele, vou falar para os demais, que é o secretário Murilo, porque ele é o mais antigo de todos os secretários, creio eu. Não digo talvez de idade, mas mais antigo do Ministério, já passou por muitas funções, enfrentou adversidades, e é hoje uma segurança do nosso trabalho na relação com a indústria. Não sei se tem aqui alguns industriais, certamente alguns representantes. E acho que um dos grandes passos que o Ministério deu nesses quatro anos da presidenta Dilma, dos quais me couberam cerca de três anos e meio, um pouquinho menos, o Ministério deu um grande passo para a consolidação da nossa indústria. Passos pela legislação, através de uma nítida preferência para a indústria nacional nas aquisições, mas também através da parte tributária. E o Murilo, talvez mais do que nenhum outro, encarne esse fato. Mas, por meio dele, cumprimento todos os demais secretários do Ministério, todas pessoas de grande valor.

Quero fazer uma menção aos meus colaboradores mais diretos que foram meus chefes de gabinete – inicialmente Antônio Lessa e depois Livia Cardoso. Ambos compartilharam comigo talvez a mais difícil de todas as tarefas que eu tive nessa travessia, que foi a intermediação entre a corporação militar, entre os militares, o agrupamento militar – de qual, repito, muito nos orgulhamos – e a Comissão da Verdade. E creio que executamos, no melhor dos nossos esforços, o que era preciso fazer: dar acesso à verdade, dar acesso às informações e permitir, dessa maneira, que o objetivo fundamental da Comissão da Verdade, que fosse o conhecimento dos fatos, na medida das possibilidades, fosse atingido. Muitos considerarão insatisfatório por um lado, outros considerarão injusto por outro, mas o trabalho feito com a colaboração sempre leal e correta dos comandos militares, e intermediado pelos meus dois chefes de gabinete, principalmente, foi um trabalho que mereceu, inclusive, um elogio talvez exagerado e injusto do próprio presidente da Comissão no dia da entrega do relatório.

Eu queria mencionar também rapidamente outros que colaboraram comigo, como o almirante Leal Ferreira, da Escola Superior de Guerra, que lá está tratando de modernizar, arejar, torná-la uma escola realmente moderna e tem disso bons dois exemplos e dois símbolos. Um é o curso CAD-Sul, para a América do Sul, porque nós sempre dizemos que a América do Sul é nossa prioridade, mas a maior parte dos nossos oficiais ainda vai estudar nos Estados Unidos. Então, nós temos que reforçar a América do Sul. E reforçar a América do Sul começa pela própria Escola Superior de Guerra, com esse curso para oficiais de todas as nacionalidades da América do Sul na Escola Superior de Guerra, que foi edição especial do livro com as conferências do Santiago Dantas proferidas ao longo dos anos 50 e 60. Isso pode parecer algo pequena, mas não é. Santiago Dantas era um homem muito equilibrado, longíssimo de ser um radical, mas foi ministro de João Goulart duas vezes. E eu quero dizer que isso também é um símbolo de que estamos avançando, que os preconceitos estão se desabando e que com isso nós estamos realmente consolidando a nossa visão democrática.

Eu deveria citar outros. O general Silva e Luna, não só como secretário, porque ele é secretário há pouco tempo, mas pela intermediação constante que ele me ajudou a fazer com todas as Forças Armadas, muito especialmente o Exército. Não que o general Enzo precisasse disso, mas às vezes uma palavrinha de alguém menos diretamente envolvido numa decisão que

tenha a ver com a hierarquia facilita um pouco, e o general Silva e Luna foi impecável nessa função.

Eu acho que tivemos alguns feitos e algumas vitórias. Não vou relatá-los todos porque a presidenta Dilma, no discurso que pronunciou no almoço oferecido pelas Forças Armadas, desfiou com clareza quais eram. Projetos como o Submarino, que não só tem o valor intrínseco do submarino, mas ele viabiliza de maneira muito real o nosso programa nuclear independente – o Brasil é um dos seis ou sete países do mundo que detém a tecnologia de enriquecimento nuclear. Isso se deve essencialmente à nossa Marinha e a esse projeto de do Submarino de Propulsão Nuclear. Não vou mencionar novos projetos, mas é algo que eu não posso deixar de dizer. Os blindados Guarani, que é uma nova geração de blindados do Exército Brasileiro, são um exemplo de que nós não ficamos só lamuriando como tantos ficam, dizendo: “Ah, houve um sucateamento. Onde estão os velhos urutus?” Temos aqui um projeto novo, que contou com o apoio da presidenta Dilma, ajuda da ministra Mirian Belchior, para que eles pudessem chegar realmente ao nosso Exército. E já há mais de 140, porque eu fui lá receber o centésimo, mas me disseram o centésimo na realidade era apenas simbólico, porque já há 140. Fui também a Cascavel, onde chegaram os primeiros Guaranis. A Aeronáutica também foi contemplada com duas coisas muito importantes. Os caças, obviamente, os Grippen, nos quais haverá grande transferência de tecnologia, e o KC-390, que é um projeto essencialmente brasileiro. São projetos de grande importância, e eles têm muita importância por mais de um sentido. Primeiro eles asseguram a nossa defesa. O Brasil não pode ser a sexta, a sétima ou, quem sabe, a quinta economia do mundo, e não dispor de uma defesa adequada. Nós não podemos contar com a sorte. Defesa é mais ou menos como seguro de carro. O fato de você nunca ter batido não significa que você não tenha que fazer o seguro. Você não sabe que conflitos virão. Conflitos entre terceiros que pouco têm a ver conosco, mas que podem repercutir sobre nós. Obviamente, na nossa região, a nossa maior força de dissuasão é a cooperação. Com os nossos vizinhos, tanto de aquí quanto de além-mar, e vejo aqui alguns representados, o nosso objetivo é cooperar, mas nós temos que estar preparados para eventualidade que nós não desejamos de ter que nos defender e ter que dissuadir alguma ação impensada. Mas além desse aspecto, eles têm ajudado muito a desenvolver a indústria nacional. Em todos esses projetos a participação da indústria nacional tem sido intensa, e um dos fatores mais importantes que nos levou a escolher o caça Grippen, da Suécia, foi, sem dúvida alguma, a transferência ampla de tecnologia, inclusive com cessão do código-fonte, que permite fazer modificações e incorporar armamento brasileiro. Temos muito a fazer pela frente, mas eu não vou discorrer sobre isso. Sabemos, por exemplo, que o Plano de Articulação e Equipamento de Defesa (PAED), logo que cheguei aqui, era uma espécie de lista de desejo. Ele hoje tem um realismo maior, mas alguma adaptação ainda terá que ser feita. Do ponto de vista organizacional, já mencionei aqui o papel do EMCFA, já mencionei o aspecto importante da Secretaria-Geral, mas queria referir também que temos avanços a fazer em termos organizacionais. Em termos de gênero de raça, o ministério da Defesa, como todos os outros órgãos brasileiros, ainda tem muito o que avançar, muito, muito, muito o que avançar. Ficamos contentes de ter a primeira oficial-general médica, mas queremos ver oficiais generais combatentes, e queremos ver também pessoas de outras funções também poderem assumir funções de oficial general. Eu admito perfeitamente que quem não é combatente, quem não passou pelas academias não pode, talvez, ser chefe de Estado-Maior, não pode integrar o alto

comando, mas de alguma maneira pode também participar dentro da especialidade em que são formadas - são sugestões para o futuro, me desculpe meu amigo Jacques Wagner.

Eu queria mencionar também no capítulo das inovações na área internacional o esforço que fizemos para a criação de uma escola sul-americana de Defesa. Isso é algo muito importante. Hoje em dia a única escola do gênero é interamericana e fica em Washington. Tudo bem, as pessoas devem continuar a ir a Washington porque elas aprendem muito lá, mas é fundamental que nós tenhamos na nossa América do Sul, que é a nossa área, uma escola sul-americana de Defesa.

Me aproximando do fim, a noção de grande estratégia. É uma noção que aparece na Estratégia Nacional de Defesa, feita durante o governo Lula, pelo meu antecessor Nelson Jobim, com a ajuda inestimável do Mangabeira Unger. Mas aparece *en passant*, e eu acho que é muito importante desenvolvermos essa noção de grande estratégia, não da maneira como ela no passado foi usada por outros estrategistas, mas como a ideia de que é preciso que os objetivos da Defesa e política externa andem unidos. Porque uma política externa sem uma defesa robusta, por mais que ela seja pacífica ela não vai levar a lugar nenhum. E com uma política de Defesa robusta, nós podemos assegurar que o Brasil seja não só pacífico, mas provedor de paz, que ele leve a paz a outras regiões, e é o que temos que fazer.

Uma palavrinha rápida sobre Defesa e Segurança Pública. É um tema complexo, difícil, envolve aspectos jurídicos complicados. E para o povo o que aparece é segurança pública. “O Exército fez isso, o Exército fez aquilo, a Marinha, ou as Forças Armadas...”. Mas, na verdade, a missão principal das Forças Armadas é defender o país. Na segurança pública, ela pode atuar, sempre dentro dos princípios da transitoriedade e da excepcionalidade. Do contrário, não é bom nem para as Forças Armadas nem para a população. Isso é algo muito importante que eu deixaria como experiência pessoal. A algo difícil, porque a cobrança sempre vem por esse lado: o Brasil felizmente vive em paz com seus vizinhos, então por que nós vamos nos preocupar com a defesa da pátria? Vamos nos preocupar com contrabandista. Mas, evidentemente, é fundamental que as Forças Armadas estejam capacitadas a impedir aventuras contra o nosso país.

Finalmente, amigos, essa é uma despedida, e essa minha despedida da Defesa, provavelmente, eu nunca posso dizer com certeza, mas provavelmente é a minha despedida também, não digo da vida pública, porque pretendo continuar dando palpite aqui e ali, escrevendo, falando, mas é uma despedida de cargos públicos. E não poderia, talvez, ter uma despedida mais adequada, por tudo o que eu aprendi aqui. Aprendi a conhecer melhor o Brasil. E ao conhecê-lo mais, amá-lo mais. Aprendi dos militares não só a disciplina e a hierarquia de que tantos falam, mas a lealdade, o companheirismo, a gentileza, a correção, o sentido de missão com que essas coisas todas são levadas adiante. A disposição ao sacrifício da vida, se necessário for. E eu acho que, para os jovens, fora talvez, digamos, os píncaros do amor ou as alegrias da maternidade ou da paternidade, não há nenhuma alegria tão grande quanto servir a pátria. Me permitirão aqui os pernambucanos, e os baianos, sobretudo, citar, de modo meio trôpego, porque não consegui consultar o original, o verso de João Cabral de Melo Neto que sempre procurou inspirar minhas ações na vida pública. Diz ele que, “a respeito

de todas as coisas, o homem é sempre a melhor medida. E a medida do homem não é a morte, mas a vida”.

Muito obrigado a todos.